

**CLARICE LISPECTOR, PATRÍCIA GALVÃO E SUAS PÁGINAS
FEMININAS**

Ana Laura DONEGÁ
(Orientador): Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

RESUMO: O estudo da produção de Clarice Lispector e de Patrícia Galvão no gênero páginas femininas revela a existência de peculiaridades nos textos de cada escritora. A primeira escreve, em uma linguagem açucarada, conselhos e dicas para mulheres. Esses giram em torno do ambiente doméstico e revelam um ideal feminino que não subverte ao padrão esperado na época. A segunda emprega uma linguagem mais ácida e provocativa, pois dirige-se a diversos setores que considera reacionários, com o objetivo claro de os criticar.

Palavras-chaves: Literatura brasileira – imprensa – páginas femininas

Introdução

Clarice Lispector e Patrícia Galvão são dois grandes nomes da Literatura Brasileira. A primeira mais consagrada, a segunda mais desconhecida do grande público; uma retrata, em seus livros, o ambiente doméstico familiar, a outra, preocupa-se mais em abordar a questão da problemática social. Apesar das diferenças, podemos constatar a presença de muitos fatores em comum: ambas trabalharam, em períodos semelhantes, intensamente na imprensa brasileira, como cronistas, tradutoras e colunistas de páginas femininas.

No presente trabalho viso à análise das produções de Clarice e de Patrícia no gênero textual jornalístico páginas femininas. O *corpus* selecionado para análise foi retirado de *Correio Feminino*, uma coletânea da produção lispectoriana como colunista de páginas femininas, organizada por Aparecida Maria Nunes, e também da obra de Augusto dos Campos, *Pagu: Patrícia Galvão vida – obra*, na qual encontra-se a reprodução do pasquim *O Homem do Povo*. Direcionarei meu estudo abordando questões especialmente sobre o estilo e temática. Pretendo tratar, ainda, de alguns elementos que possibilitam a comparação entre as produções de Clarice e de Patrícia.

Páginas Femininas de Clarice Lispector

Para a realização do meu estudo, apresentarei trechos retirados dos jornais *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, nos quais Clarice Lispector trabalhou como escritora de páginas femininas.¹

Em *Correio da Manhã*, a escritora publicou a coluna intitulada *Correio Feminino - Feira de utilidades*, sob pseudônimo de Helen Palmer. A página havia sido encomendada por uma indústria de produtos de beleza denominada *Pond's*, que planejava, através da coluna feminina, sugerir a suas leitoras que comprassem cosméticos, sem, no entanto, aludir a nenhum produto em especial. A coluna *Correio Feminino* possui, portanto, um caráter muito mais persuasivo e publicitário. Em segundo plano, aparecem receitas e dicas de culinária, de decoração, de comportamento, etc. Como Helen Palmer, Clarice produziu 128 colunas, que foram publicadas às quartas e sextas-feiras, de agosto de 1959 a fevereiro de 1961.

Concomitantemente ao trabalho no jornal *Correio da Manhã*, Clarice passa a assinar outra coluna feminina, no *Diário da Noite*, pois é convidada a atuar como *ghost-writer* da modelo e atriz Ilka Soares. A coluna *Só para Mulheres*, publicada de abril de 1960 a março de 1961, de segunda a sábado, totalizou 291 páginas. Dessa vez, escreve uma coluna assinada por uma atriz considerada um ideal de beleza, de *glamour* na época. A escritora aproveita essa imagem para legitimar seu dizer sobre moda, beleza, novidades de consumo, etc.

Início minha análise das páginas femininas de autoria de Clarice Lispector, com algumas considerações sobre texto “Enquanto a empregada nova não chega”, publicado em 31 de maio de 1960²:

A cozinheira se despediu.. .Bem sei o que significa como ‘tragédia’. Mas dizem que, quem tem um limão, em vez de chorar que é azedo, deve fazer uma limonada....Não estou sugerindo que você faça uma limonada da cozinheira, e um dos motivos de impossibilidade é que esta foi embora. (...)

É interessante perceber como Clarice trabalha de modo a possibilitar uma identificação de sua leitora com a colunista. Utiliza-se da expressão “Bem sei” sugerindo que compartilha os problemas vivenciados pelas mulheres no dia-a-dia, no caso, a “tragédia” da ausência da empregada. Apesar da identificação, a colunista possui conhecimentos alheios às leitoras. Sabe como “transformar

¹ Em 1952, antes de seu trabalho nesses dois jornais, Clarice escreveu páginas femininas também no jornal organizado por Rubem Braga, intitulado *O Comício*. A escritora ficou responsável pela coluna *Entre Mulheres*, na qual publicou dezessete edições da coluna sob o pseudônimo de Tereza Quadros. Devido à necessidade de delimitação, não contemplarei essa coluna em minha análise.

²LISPECTOR, C. (2006). *Correio Feminino*. NUNES, A. M. (Org). Rocco, RJ. pág. 58.

limão em limonada”em várias situações e, como uma boa amiga, no se acanha em compartilhar esses saberes:

(...) O que quero dizer é que você podia aproveitar o intervalo entre uma empregada e outra – espero que intervalo pequeno... – para reorganizar a casa, fazer um plano.

Você há de me perguntar: por que aproveitar a mudança de empregada? É porque uma das coisas mais difíceis de se conseguir é fazer alguém mudar de rotina, mudar de método, ou aceitar ‘novidade’.

Mas, enquanto você aguarda a empregada nova, pode planejar vários melhoramentos. A empregada que vier nunca saberá que houve transformação: aceita a novidade sem saber que é novidade, já que tudo na casa ainda lhe é estranho.

Por exemplo: os hábitos alimentares. Quem sabe se queria que a família comesse mais legumes? Quem sabe se você gostaria que todos os sábados fosse dia de bolo? E que, às três horas da tarde, lhe agradaria um lanche leve? Pois, quando a nova empregada chegar, você lhe diz com naturalidade: ‘Aqui em casa costuma-se...etc.etc.’

Podemos perceber que o enunciado parece dirigido a cada leitora em especial. Clarice utiliza-se do pronome pessoal *você*, assim transmite a falsa idéia de que sua coluna é escrita para uma determinada leitora, não para um conjunto de mulheres que podem vir a ler a página.

Em “Limpar a casa e ficar bonita ”, a colunista demonstra saber, ainda outra maneira de aproveitar uma situação crítica em seu benefício. Esse saber partiu de uma amiga da colunista que lhe contou como faz para ficar bonita, enquanto faz serviços domésticos. São apresentados quatro procedimentos a serem seguidos nessa “receita”, que ensina a cuidar das mãos, a hidratar a pele facial e os cabelos, e a tonificar o corpo através da respiração:

Primeiro – antes de começar a faxina mais pesada, ela retira o esmalte das unhas, embebe as mãos com loção apropriada, a põe luvas velhas que mantenham a loção no lugar. Acontece que, ao acabar a tarefa de limpar coisas sujas, está com as mãos macias como nunca, e com as unhas meio caminho andado da aplicação do novo esmalte.

Segundo – antes de iniciar trabalhos que lidam com vapor d’água – como cozinhar ou lavar roupa em água quente – ela passa um bom creme nutritivo no rosto. A combinação de creme e vapor d’água não só faz com que o creme penetre nos poros, como tonifica a pele.

Terceiro – aplica um tônico de cabelo que fica trabalhando pela sua beleza enquanto ela trabalha pela beleza da casa. Às vezes espalha gema de ovo pelos cabelos – e quando acaba de trabalhar, lava a cabeça.

Sem falar que, de vez em quando, pára o trabalho para respirar profundamente – o que, além de descansar tonifica o corpo todo.

Os truques são numerados, como ocorre nas receitas culinárias, o que facilita a compreensão por parte das mulheres e legitima o uso da palavra *receita* no título do texto. A colunista apresenta passo a passo a ser seguido por quem intenta se embelezar enquanto faz serviço doméstico. Podemos notar,

especialmente através dessa numeração, o estilo didático presente na grande maioria das páginas femininas de Clarice Lispector. O objetivo de ensinar algo, de compartilhar um conhecimento está sempre presente. Esse ensino, às vezes, ocorre de maneira indireta, em tom de conversa – como em “Enquanto a empregada nova não chega” –, outras, diretamente, através da enumeração explícita do modo de se proceder – como em “Limpar a casa e ficar bonita”. Clarice, enquanto escritora de colunas femininas, é amiga, conselheira e didática.

Devemos atentar também à linguagem empregada nesses textos. A colunista escreve de um modo muito amigável, representando uma conversa entre duas conhecidas. Uma está aflita em meio às situações de seu cotidiano, outra, mais experiente, ajuda-a em seus problemas. A interação ocorre bem ao modo das conversas femininas, numa linguagem doce, materna, sugerindo o aconselhamento, como se ocorresse em um café da tarde, na sala da casa da leitora ou da colunista.

Tanto “Enquanto a empregada nova não chega” quanto “Receita para resolver problemas” foram originalmente publicados no *Diário da Noite*. Devemos atentar a esse fato, já que neste jornal Clarice trabalha como *ghost-writer* de uma atriz chamada Ilka Soares. Ela preocupa-se, então, em veicular uma imagem da atriz que se assemelhe à leitora, mas que ao mesmo tempo, se diferencie desta. Ilka desce do patamar das estrelas e se aproxima das mulheres comuns, quando enfrenta os mesmos problemas no seu dia-a-dia, como a demissão da empregada e a necessidade de fazer serviços domésticos. No entanto, permanece em outro patamar, quando, por exemplo, dá dicas de moda e de etiqueta. Nesses casos, difere de suas leitoras, pois estas não compartilham a vida de *glamour* com a qual Ilka está habituada. Nas páginas femininas do *Diário da Noite*, colunista e leitora se aproximam até certo ponto.

O exame de diferentes textos das colunas feministas escritas por Clarice permite-nos destacar alguns pontos em comum. A maioria inicia-se com o reconhecimento da existência de sentimentos em comum, para depois partir para a explicação de como agir para resolver a situação. Os textos são, em sua maioria, curtos, claros e objetivos. A leitura é rápida e bastante acessível. Por vezes, são introduzidos por pequenos títulos cujo objetivo é resumir o conteúdo e/ou chamar a atenção da leitora.

Clarice sempre procura fazer com que sua leitora se identifique com a coluna, por isso trata de assuntos de interesse das mulheres, em especial, das donas-de-casa, casadas e mães. Esse é o grande público leitor das colunas escritas pela Autora. Tendo em vista esse público leitor, seleciona temas que, a seu ver, poderiam ser digno de atenção e despertar sua curiosidade.

A temática das colunas femininas lispectorianas sempre gira em torno do universo feminino do lar e da família. Por isso, em todos os jornais, Clarice trata

de etiqueta, problemas domésticos e beleza. Aborda também questões sobre comportamento, maternidade e educação dos filhos, moda, sedução e casamento. Mesmo que alguns temas não tenham uma relação evidente com a casa e a família, percebemos que nas entrelinhas, essa relação pode ser encontrada. Por exemplo, quando Clarice dá algumas dicas de beleza, a mulher deve segui-las a fim de ficar mais bonita para o marido; quando traz uma receita culinária, essa pode proporcionar grande alegria aos filhos. Direta ou indiretamente todos os temas se relacionam ao lar e à família.

O padrão comportamental feminino que a escritora reproduz não se distancia do veiculado na imprensa feminina da época. Os elementos do sexo feminino são passivos, submissos à figura do homem, inteligentes até certo ponto, já que não são capazes de ultrapassar o senso comum. A imagem da mulher veiculada nas colunas de Clarice nunca extrapola os limites de adaptação ao *status quo*. O sexo feminino não se liberta das amálgamas que o restringem à realidade casa-filhos-marido. Esses elementos são vistos como essenciais para a felicidade, os grandes objetos de desejo feminino. Decorre daí a grande freqüência de textos sobre casamento, marido e filhos. Para exemplificação, apresento o texto “Marido e mulher”³, publicado em 20 de dezembro de 1960, no *Correio da Manhã*:

“As mulheres têm e deverão ter grande influência na vida do marido. Há um ditado antigo e pouco original que diz que “A mulher faz o homem”. Nada mais verdadeiro, pois a esposa, com seu amor e capacidade de organização, pode organizar o marido a subir na vida, fazendo com que ele ganhe mais confiança em si.

Uma mulher que recebe o chefe do lar com um ar cansado, e desviando a ele um rosário de lamúrias sobre seus problemas caseiros, brigas com as empregadas e as mal criações dos filhos, está entediando o marido e só conseguirá que ele se aborreça gradativamente do seu lar. Numa tal atmosfera, os aborrecimentos que o marido talvez traga da rua, suas preocupações, seus problemas, não encontram uma válvula de escape e aumentam, tornando-o mal humorado, nervoso e pouco apto para resolver as situações que o aguardam no dia seguinte.

Que deverá você fazer para ajudar seu marido a progredir na vida? Primeiramente, deve mostrar-lhe por diversos meios que tem confiança nele: ao mesmo tempo deve tomar interesse por seu trabalho, ouvir suas longas dissertações sobre os acontecimentos do dia, apresentar refeições gostosas e agradáveis à vista.”

Baseando-se em um ditado popular, “A mulher faz o homem”, a colunista argumenta que as esposas têm papel decisivo na vida dos maridos. No texto em questão aborda especialmente a questão da prosperidade financeira. A esposa que pretende que seu marido prospere, pode seguir as regrinhas ensinadas no texto: deve ajudá-lo a confiar em si, interessa-se por seu trabalho, permitir que ele descanse e agradá-lo, com “refeições gostosas e agradáveis à vista”. Fica

³.LISPECTOR, C. *op. cit.* pág. 88.

muito evidente que o papel que a mulher ocupa dentro do ambiente doméstico se restringe ao de companheira, atuando como mera coadjuvante em auxílio do esposo. A mulher desempenha um papel secundário, não brilha por si mesma, pode, apenas, auxiliar alguém que ama a chegar ao topo⁴.

Há um padrão de ideal feminino veiculado nas páginas femininas lispectorianas. A mulher mais do que viver o papel de mãe, de esposa, de dona de casa, deve ser prestimosa, atenta às necessidades do lar, comprometida com o zelo de seus familiares. Nos dizeres de Clarice: “a primeira qualidade para uma mulher ser Mulher é saber ser Mãe”⁵. A escritora reproduz, em suas colunas, um modelo de perfeição ou excelência feminino que não subverte o padrão da época. A mulher que representa em suas páginas no jornal é uma mãe cuidadosa e presente na vida dos filhos, uma esposa submissa e atenta às necessidades do marido, especialmente interessada em assuntos referentes à moda, à beleza, à sedução e à etiqueta. É, sim, fútil, desinteressada de questões sociais mais amplas, alienada do que passa a seu redor em um contexto mais amplo, fora do ambiente doméstico e das rodinhas do “chá da tarde”.

Páginas femininas de Patrícia Galvão

A produção de Patrícia Galvão como escritora de páginas femininas se restringe às colunas *A Mulher do Povo*, publicadas no jornal *O Homem do Povo*, dirigido por seu então marido, Oswald de Andrade. O jornal panfletário foi lançado pelo casal no dia 27 de março de 1931 e teve, apenas, oito números. Isso porque foi proibido de circular por ordem da polícia, devido aos incidentes com os estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Oswald classificou, em 9 de abril, a Faculdade como “cancro que mina a existência e patrimônio do nosso Estado”⁶; os estudantes, indignados, tentaram empastelá-lo.

Segundo Augusto dos Campos, em *O Homem do Povo*,

Patrícia colaborava com artigos, sob vários pseudônimos, além do já famoso *Pagu* – irmã Paula, G. Lea, K. B. Luda... Além disso, era autora das ilustrações, charges, vinhetas, títulos, legendas (...).⁷

⁴ É digna de consideração a ressalva de que o texto em questão foi publicado no jornal *Correio da Manhã*. Como dito anteriormente, Clarice tinha um contrato com a Pond’s, por isso tinha que se submeter às regras da indústria de cosméticos. Não tinha tanta liberdade de expressão e talvez esse fator tenha sido decisivo no desenvolvimento de “Marido e mulher”.

⁵ Informação retirada do texto “Ser mãe”. In.: LISPECTOR, C. *op. cit.* pág. 33.

⁶CAMPOS, A. (1987). *Pagu: Patrícia Galvão vida –obra*. 3ª. Edição, Brasiliense, SP. pág. 97.

⁷ *Idem.* pág. 80.

Após a participação no jornal dirigido por Oswald, Patrícia publicou traduções e crônicas, também atuou como crítica literária e dramaturgica, participando, inclusive de suplementos em jornais de grande circulação. No entanto, nunca mais assinou seus textos jornalísticos com o nome através do qual era conhecida quando jovem, Pagu, e não mais publicou colunas femininas.

Em *A Mulher do Povo*, Pagu adota um estilo muito diferente do de Clarice, em suas páginas femininas. Se nesta a linguagem é adocicada, maternal, sugerindo um clima de companheirismo e amizade, naquela é muito ferina e cruel. Valendo-se de uma linguagem ácida e mordaz, dispara críticas para todos os lados. Qualquer elemento da sociedade que, a seu ver, seja reacionário, é passível de ser alvo de áduas censuras. Exemplifico meu dizer com a primeira coluna de *A Mulher do Povo*, intitulada “Maltus Além”⁸:

Excluía a grande maioria de pequenas burguesas cuja instrução é feita nos livrinhos de beleza, nas palavras estudadas dos meninos de baratinha, nos gestos de artista de cinema mais em voga ou no ambiente semi-familiar dos cocktails modernos – temos a atrapalhar o movimento revolucionário do Brasil uma elitezinha sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas berra a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito do voto para “mulheres cultas” achando que a orientação do velho Maltus resolve todos os problemas do mundo.

Estas feministas de elite que negam o voto aos operários e trabalhadores sem instrução, porque não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se têm que entregar para a manutenção dos seus filhos, se esquece que a limitação de natalidade quase que já existe por si mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida econômica e social ainda estão para ser resolvidos. Seria muito engraçado que a ilustre poetisa D. Maria Lacerda de Moura fosse ensinar a lei de Maltus ao sr. Briand, para que ele evitasse a guerra mundial atirando à boca ávida dos imperialistas gananciosos, um punhado de livros sobre maternidade consciente. Marx já passou um sabão no celibatário Maltus, que desviava o sentido da revolução para um detalhe que a Rússia, por exemplo, já resolveu. O materialismo solucionando problemas maiores faz com que esse problema desapareça por si. O batalhão ‘João Pessoa’ do feminismo ideológico tem em D. Maria Lacerda de Moura um simples sargento reformista que precisa estender a sua visão para horizontes mais vastos afim de melhor atuar no próximo Congresso de Sexo.

Sem receios ou remorsos, a colunista dirige suas críticas: inicialmente fere a superficialidade da instrução da “grande maioria das pequenas burguesas, que ocorre nos livrinhos de beleza, nas palavras estudadas dos meninos de baratinha, nos gestos de artista de cinema mais em voga ou no ambiente semi-familiar dos cocktails modernos”. Para Pagu, a educação das burguesas se limita à trivialidade e, conseqüentemente, o horizonte dessas é restrito e de pouco alcance. Parte, depois, para a crítica do movimento feminista da capital da Paraíba, referindo-se a ele com expressões nada agradáveis: “elitezinha de João

⁸ *Ibidem.* pág. 81.

Pessoa”, “feministas de elite”, “batalhão de João Pessoa do feminismo ideológico”. D. Maria Lacerda de Moura, provavelmente a líder do movimento, é designada, ironicamente, como “ilustre poetisa” e como “simples sargento reformista”; expressões muito sinceras que revelam sua avaliação.

Patrícia tem consciência de que o feminismo burguês centralizado na “liberdade sexual”, “na maternidade consciente” e no “direito do voto para ‘mulheres cultas’” é muito ingênuo, pois não compreende a real profundidade do problema. A hierarquização da sociedade é responsável pela situação inferior dos indivíduos, dentre os quais se encontram as mulheres. Se intenta-se modificar essa posição inferior, deve-se lutar contra aquilo que a engendra: a própria estratificação social. A colunista percebe a necessidade de transformações mais globais, que englobem toda a sociedade, por isso critica as “feministas de elite”. Como diz Pagu: “os problemas todos da vida social ainda estão para ser resolvidos”. A questão da mulher é uma dentre várias. O *feminismo ideológico* precisa compreender questões sociais e políticas mais abrangentes. É preciso ver (Maltus) além, porque o controle da natalidade por si só não resolve todas as questões sociais.

A crítica central de Patrícia tem por alvo o feminismo elitista e ideológico de João Pessoa. A colunista de *A Mulher do Povo* não poupa adjetivos e expressões depreciativos, vale-se muito da acidez e chega mesmo a ser grosseira. Esse estilo descortês e ferino é comum em todas as colunas, como podemos perceber através da leitura de “Normalinhas”⁹:

“As garotas tradicionais que todo o mundo gosta de ver em S. Paulo, risonhas, pintadas, de saias de cor e boi nas vivas. Essa gente que tem uma probabilidade excepcional de reagir como moças contra a mentalidade decadente, estraga tudo e são as maiores e mais abomináveis burguesas velhas.

Com um entusiasmo de fogo e uma vibração revolucionária poderiam, se quisessem, virar o Brasil e botar o Oiapoque perto do Uruguai. Mas D. Burguesia habita nelas e as transforma em centenas de inimigas da sinceridade. E não raro se zangam e descem do bonde, se sobe nele uma mulher do povo, escura de trabalho (...).”

Novamente a crítica se dirige às burguesas. Pagu se refere a elas como “normalinhas”, talvez a justaposição das palavras “norma” e “malinhas”, sugerindo que elas seguem as regras e preceitos convencionados pela sociedade; ou mesmo um adjetivo diminutivo, pejorativo, é claro, semelhante a “normalzinhas”, tradicionais. A colunista argumenta que essas moças, se tivessem “um entusiasmo de fogo e uma vibração revolucionária”, seriam capazes de “virar o Brasil e botar o Oiapoque perto do Uruguai.” No entanto, se deixam tolher pela ideologia tradicionalista, já que “D. Burguesia habita nelas”,

⁹ CAMPOS, A. *op cit.* pág. 87.

perdem toda a coragem e espontaneidade, transformando-se em mulheres preconceituosas e “inimigas da sinceridade.”

Patrícia é novamente irônica quando trata do comportamento burguês. A seu ver, quem espera algum feito brilhante dessa classe, alguma atitude elevada, decepcionar-se-á:

(...) A gente que as vê em um bandinho risonho pensa que estão forjando alguma coisa sensacional, assim como entrarem em grupo na Igreja de S. Bento, derrubar altar, padre estoia (*sic*) sacristia... Nada disso. Ou comentam um tango idiota numa fita imbecil ou deturpam os fatos escandalosos de uma guria mais sincera em luta corporal para o controle cristão. Agrupam-se para abandoná-la. A camarada tem que andar sozinha.... É uma imoralidade.... Ao menos, se fizessem escondido....(...).

As jovens burguesas não são capazes de nenhum, feito louvável. Pagu as considera preconceituosas, frívolas e imorais.

Oswald designa a Faculdade de Direito de São Paulo como “cancro” da sociedade. Patrícia acredita que o mal que enfraquece e destrói progressivamente a sociedade é transmitido pelas mulheres burguesas, através do casamento e principalmente da educação materna:

(...) A variadas umas pelas outras, amedrontadas com a opinião, azoinando preconceitos e corvejando disparates, se recalcam as formadoras de homens numa senda Inteiramente Incompatível com os nossos dias. E vão estragar com os ensinamentos falsos e moralistas a nova geração que se prepara. É caso de polícia! O governo como bom revolucionário que se diz, devia intervir com uma dúzia d grilos numa visitinha pelas casa corruptora(...).

A colunista termina seu texto com uma investida ainda mais direta, citando o caso da tentativa de empastelamento do pasquim pelos estudantes de Direito:

Vocês também não querem, que nem os seus coleguinhas de Direito, trocar uns bofetões comigo?

A temática da produção de Pagu enquanto colunista de páginas femininas gira sempre em torno da crítica. Nada mais é englobado. Diferentemente do que faz Clarice, ela não trata de questões pertinentes à mulher e ao espaço feminino do lar. Apesar de denominar sua coluna como *A Mulher do Povo*, não apresenta textos que auxiliariam mulheres, do povo ou não, a lidar com diversas situações no seu cotidiano, como é costume entre as colunistas de páginas femininas da época. Na realidade, o objetivo de Pagu com sua coluna feminina não é versar sobre *questões femininas*, e sim criticar elementos reacionários. Sua estratégia é radical: não se fala nem de questões consideradas mais fúteis, como beleza e moda, nem mesmo de assuntos que tem interesse relativamente global entre as mulheres, como maternidade, casamento, menopausa, gravidez, etc.

A colunista não aborda também questões mais revolucionárias e objeto de luta das mulheres. Na realidade, o único elemento na sociedade que tem sua luta legitimada é o operário. Os problemas enfrentados pelos demais, como os negros, os indígenas, as mulheres, são desconsiderados na sua abordagem.

Apesar do título de sua coluna, as matérias daquela colunista contêm muitos poucos elementos que permitem sua classificação como “popular”. A linguagem é clara, informal, não há sintaxes rebuscadas e citações em latim para aparentar erudição. Quanto a sua classificação como “feminino”, não há elementos comuns às colunas femininas da época. Patrícia assina uma coluna denominada *A Mulher do Povo*, mas esse não é seu interlocutor e não pretende escrever sobre assuntos essencialmente femininos. As matérias que escreve, assim como as demais do jornal, têm caráter extremamente panfletário. O objetivo é criticar grosseira e mordazmente os indivíduos da sociedade contra a revolução. Melhor seria dizer, todo e qualquer elemento que não seja proletariado. Este é o único estrato social livre do olhar repreensor e da língua ferina de Pagu e de Oswald. A nomeação do jornal como *O Homem do Povo* só é justificada com o argumento de que esse é o único indivíduo puro e, portanto, digno de consideração do casal. Podemos considerar, assim, que o jornal tinha por objetivo defender veementes as lutas desse estrato social e opor-se aos indivíduos contrários àquelas. *O Homem do Povo* é, assim, menos um jornal que se dirige ao povo, do que um veículo que o enaltece e defende suas reivindicações.

Conclusão

Quando Clarice aceita compor colunas femininas, tinha em mente que teria que escrever para mulheres, sobre mulheres. Por isso, aborda questões relacionadas ao que se pode chamar de universo feminino: fala da maternidade e do casamento, da sedução e da feminilidade; dá dicas de beleza, de moda; ensina receitas culinárias. Enfim, trata de questões que englobam o ambiente de seu público-leitor: mulheres, mães e casadas. Optando por essa temática, Clarice não subverte o *status quo* do papel feminino da época.

Não deixa de ser interessante perceber que, apesar de sua formação em Direito e de sua aptidão para questões criminalísticas em especial, a colunista não aborda questões da problemática social. Talvez, devido às dificuldades financeiras, a escritora tenha optado por não descontentar, mas sim corresponder às expectativas do jornal em relação à página pela qual era responsável.

Em suas páginas femininas, Patrícia se comporta de modo diferente de Clarice. Deixa-se envolver profundamente pela luta do proletariado e pelo

espírito panfletário do jornal e acaba esquecendo de tratar de questões de interesse de seu público leitor, as mulheres. Que não traga dicas de beleza e de moda é compreensível, mas não a ausência de temas mais libertários, como a liberdade sexual, o direito ao prazer e à emancipação, a discriminação e a violência contra a mulher, o direito as mesmas condições trabalhistas. Afinal, a coluna deveria ser dirigida para *mulheres* e, portanto, deveria dar ênfase ao tratamento de assunto de interesse desse sexo.

Referências Bibliográficas:

- CAMPOS, A. (1987). *Pagu: Patrícia Galvão vida –obra*. 3ª. Edição, Brasiliense, SP. .
- LISPECTOR, C. (2006). *Correio Feminino*. NUNES, A. M. (Org.), Rocco, RJ.
- NUNES, A. M. (2006). *Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas e outras páginas*, Senac, SP.